

VERSO É PRA CANTAR: E AGORA, VIRGÍLIO?

Alceu Dias LIMA¹
Márcio THAMOS²

- > RESUMO: Embora as gramáticas latinas possam dar a impressão de que tratam de matéria cujo conhecimento dominamos com tranquilidade, a verdade é que todo o latim que nós modernos podemos saber é inteiramente baseado em dados teóricos, isto é, escolares, e não empíricos. Isso significa que nosso conhecimento sobre essa língua antiga comporta mais lacunas do que gostaríamos talvez de admitir. É esse o caso fundamental da oposição entre vogais longas e breves. Procurar pensar o idioma dos antigos romanos como uma língua de fato, ou seja, como a *língua materna* de todo um povo, seria uma boa maneira de encaminhar o estudo do latim, à medida que aqueles dados teóricos possam ser compreendidos menos como referência de pura erudição e mais como sinal de humanidade.
- > PALAVRAS-CHAVE: Sincronia; língua materna; prosódia; poesia latina; métrica latina.

Talvez se pudesse dizer que o latim é uma língua de *sincronia fechada* para situá-lo com relação às línguas modernas, que seriam assim reconhecidas como línguas de *sincronia aberta*. Essa expressão, de cunho lingüístico, poderia substituir com vantagens a fórmula “língua morta” com que a tradição normalmente se refere ao idioma dos antigos romanos. Seja como for, é importante notar que não há mais falantes legítimos de latim entre nós, ou, para se dizer de um outro modo, não se deve desconsiderar o fato de que há muito deixou de existir um povo cuja *língua materna* fosse o latim.

No entanto, textos escritos registram a fala viva dos antigos romanos – um simples alfabeto para suprir toda a carga significativa da prosódia! Boa parte desses textos é poesia, cuja oposição rítmica fundamental entre vogais longas e breves não se tem como reproduzir oralmente. Se, em princípio, a qualidade de verso é conferida a um texto pela prosódia, em que medida os textos de poesia latina podem ser atualizados como versos de fato por meio da leitura em voz alta própria de um falante de português (ou de qualquer outra língua moderna)? É essa uma questão que tradicionalmente pouco foi considerada nos estudos de língua latina, mas

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. Endereço eletrônico: mclima@sunrise.com.br

² Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. Endereço eletrônico: marciothamos@uol.com.br

que reclama certo cuidado e atenção por seu interesse fundamental: versos existem para ser lidos (ainda que com a voz interior de quem com eles se procura haver). Para uma abordagem inicial do problema, talvez seja útil encaminhar uma discussão apoiada em duas noções básicas mencionadas acima: o conceito de *sincronia* e a idéia de *língua materna*.

Sincronia é funcionamento *fonético-fonológico, morfossintático e lexical* de uma língua, em dado espaço de tempo da sua vida, enquanto instrumento de comunicação, no seio daqueles que têm essa língua como idioma materno. Ser de *sincronia aberta* significa então, para essa língua, que ela varia em sua fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e léxico, variação essa relativa ao estrato cultural de emissão pelo qual seus usuários dela se servem. Quem, dentre nós, imagina uma criança, um camponês, uma mulher do povo de fala latina, exprimindo-se naquele latim ciceroniano das nossas aulas? O que é sensato pensar é que, se esse latim, o de César, de Cícero ou de Tito Lívio existe é porque existiram também variáveis populares que exprimissem sobretudo a presença de um povo – com todas as diferenças lingüísticas de região, de classe social, de idade, e demais que se possam imaginar – constituindo a comunidade no seio da qual somente cada escritor pôde existir e se formar como falante de excepcional competência. Ou seríamos tão ingênuos a ponto de pensar que, em Roma, as pessoas comuns falavam como Cícero escrevia? Ou, ainda, que simplesmente se falasse como se escrevia? Com muita facilidade se esquece que todo o latim a que temos acesso é sempre uma língua, em maior ou menor grau, estilisticamente trabalhada, isto é, uma fala mais ou menos consciente de si mesma. Mas o fato de que não contamos com o popular no ensino/aprendizado do latim é um traço inapercebido porque nos habituamos a tratar esse idioma antigo não como uma língua, mas como um discurso, e um discurso escolaresco. E isso quer se trate do latim clássico, quer do latim mais popular, como o do direito, o da igreja, o da escola em suma.

Conceber o latim como língua de *sincronia fechada* é entendê-lo como um idioma cujas realizações concretas da fala – e a natural evolução do sistema que daí decorre – já se esgotaram historicamente, não havendo mais, portanto, nenhuma possibilidade de a essas se acrescentarem novos discursos que tenham alguma legitimidade ou algum interesse essencial do ponto de vista lingüístico. Mas chamar a atenção para o conceito de *sincronia* ao tratar dessa língua antiga pode sobretudo – como aqui se deseja – ser um meio sugestivo de evocá-la em sua plenitude, como língua integralmente humana; pois, no que diz respeito ao latim, o comum é pensá-lo quase sempre a partir de uma perspectiva diacrônica, o que vale dizer, nunca como língua de fato, mas tão-somente como modelo estigmatizado pela escola a partir do qual se pôde erigir o românico, isto é, o conjunto dos idiomas neolatinos.

O reconhecimento da oposição entre *sincronia* e *diacronia* é de suma importância para os estudos lingüísticos. Saussure, que insistiu bastante nessa questão, considera que

o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade. Também a constitui para o lingüista: se este se coloca na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam. ([19--], p. 105-106)

É somente quando nos fixamos na idéia de *sincronia* que podemos perceber o latim como uma língua em sua dimensão mais verdadeira, ou seja, como a *língua materna* de todo um povo, fato precípua que em si mesmo distingue e, desse ponto de vista, *igual* todas as línguas naturais, pouco importando que essa sincronia permaneça aberta, como ocorre com os idiomas modernos, ou tenha-se fechado já há muitos séculos, como é o caso das línguas antigas. O tesouro de textos escritos em latim que chegou até nós é o grande testemunho que a Antiguidade nos legou para atestar a existência dessa língua materna. Contudo, nossa leitura do latim é muito mais uma leitura de letras, ou de sinais gráficos, isto é, uma emissão oralizada de sinais gráficos, do que uma leitura propriamente dita – aquela que um romano faria – dos fonemas representados por essas letras. Basta dizer que, pelo que toca às vogais, estamos limitados a cinco sinais ou grafemas para representar nada menos que os dez fonemas vocálicos, todos orais, que o latim possuía: cinco breves e cinco longos. E o tracinho, reto ou curvo, que colocamos sobre as letras (*ā, ǎ, ē, ě, ī, ĭ, ō, ǒ, ū, ŭ*), não passa de indicação muito apagada e muito teórica de que se trata de vogal longa ou breve, das quais nada mais ficamos sabendo do que a seguinte verdade: uma, a que leva tracinho reto, vale o dobro, em matéria de duração, da outra, a que leva tracinho curvo. Em *fácilis*, por exemplo, a indicação de que o *a* de *fa* é breve significa que, em composição, onde a sílaba *fã* deixa de ser a primeira pelo acréscimo do prefixo negativo *dis-*, a vogal desta sílaba se fecha em *i*, *difficilis*, com assimilação do *-s* ao *f-* de *fácilis*. São conhecimentos dessa ordem, não prática e sim erudita, escolar, que estão à base das breves e longas. A despeito das tentativas que se façam (e que serão sempre irremediavelmente artificiais), para nós, falantes das línguas atuais, vale dizer, dessas de *sincronia aberta*, é impossível reproduzir com um mínimo de verdade formal – a única que pode interessar ao se considerar uma língua – a distinção entre vogais longas e breves, cuja oposição não motiva traços fonéticos e fonológicos das nossas línguas.

A oposição breve x longa podemos, no máximo, descrevê-la metalingüisticamente, declarando, por exemplo, que uma longa é, do ponto de vista métrico, igual a duas breves. Mas não somos capazes de realizar de fato essa igualdade, ou seja, não conseguimos pronunciar com naturalidade uma vogal que seja igual à soma de duas outras, numa proporção que mostre claramente que dois é a soma de um mais um. Temos então de contentar-nos com uma insossa e pouco expressiva descrição metalingüística daquilo que para um romano possuía realização palpável, pois podia ser percebido com clareza pelo ouvido e só produzia efeito

poético, a partir do ritmo engendrado, quando articulado pelo aparelho fonador de um falante e captado pelo ouvido de outro igualmente competente. Temos a pretensão de saber se uma vogal latina é longa ou breve analisando-a, não pronunciando-a. E escandir um verso latino não significa para nós modernos lê-lo com sua cadência métrica. Tudo que podemos fazer é, acompanhando quais sejam suas sílabas longas por separado das breves, procurar determinar metalingüisticamente a quantidade das vogais se soubermos definir certas qualidades que as acompanham; algo muito diferente de simplesmente pronunciá-las. Constatamos, por exemplo, que, no nome *rosa*, o -o- é breve em latim (ō) porque, em português, este mesmo -o- é aberto (ó) e generalizamos o princípio fixando a regra de que todo o breve dá um o aberto em português: assim *solum* dá "solo"; *mōra*, dá "demora"; *fōras*, dá "fora", e assim adiante.

Mas infelizmente a filologia não pode ressuscitar a melodia própria da língua. De nada adianta esse tipo de constatação quanto ao timbre aberto ou fechado das vogais. O que resultaria útil seria fixar um princípio de encaminhamento que permitisse enunciar as sílabas, breves ou longas, num andamento cadenciado segundo exigências do verso e seus correspondentes pés que, por sua vez, se regulam segundo exigências corporais, rítmicas portanto. Por exemplo, sabemos, por ter aprendido na escola, que o -o- da palavra *tota* ("toda", em português) é longo, e que o -o- de *rosa* é breve, como acabamos de ver; somos capazes até de pronunciar o primeiro, fechado, e o segundo, aberto; mas não estamos aptos a *sentir* a diferença rítmica que a sílaba -to- e a sílaba -ro- provocariam no verso, devido ao fato de serem, a primeira, longa, e, a segunda, breve. Ser aberta ou fechada não é a mesma coisa que ser breve ou longa porque aberto/fechado diz respeito ao timbre (é/ê, ó/ô), ao passo que breve/longa é uma qualidade que afeta a duração ou o tempo de prolação (ā/ā, ē/ē, ī/i, ō/ō, ū/ū), qualidade à qual nós modernos não somos sensíveis no espaço de um fonema vocálico. Assim, *a*, *e*, *i*, *o*, *u* longos ou breves são, para nós, sempre a mesma coisa, se não houver o socorro da escola. Mas ao inexperiente discípulo que ouve o professor doutrinando sobre a quantidade, isto é, sobre a breve e a longa, resta sempre a dúvida: terá ele, aluno, entendido tudo como devia? Insiste-se, pois: de nada serve esse tipo de constatação quanto ao timbre aberto ou fechado das vogais; tal observação não leva a que se possa conceber com propriedade como seria de fato a prosódia latina. Adotar um princípio de andamento que permitisse enunciar as sílabas longas durando duas vezes mais que as sílabas breves poderia ser útil porque isso permitiria fixar a duração total do verso, fazendo-a recorrer de acordo com a métrica. O hexâmetro, modelo de verso fundamental para a poética latina, teria, nesse caso, seis pés, distribuídos em vinte e quatro unidades de medida prosodicamente sensíveis, mensuráveis e contáveis fisicamente portanto. Essa contagem, que acompanharia naturalmente o ritmo cardíaco, seria válida do ponto de vista da métrica. Modernamente, no

entanto, as unidades de medida do hexâmetro só são reconhecíveis numa contagem metalingüística que, diante da impossibilidade completa de se coletarem dados empíricos, leva em consideração tão-somente noções teóricas, isto é, escolares. Assim, os pés métricos latinos só podem ser apreendidos de forma estritamente intelectual, sem nenhum outro fundamento que advenha da percepção física motivada pela expressão oral que ao verso possa emprestar a voz de qualquer leitor, seja este mesmo o mais erudito e reconhecidamente preparado no trato com essa língua antiga.

Até onde esse alfabeto, que, com poucos ajustes do ponto de vista da representação gráfica, é o nosso, nos retrata a pronúncia dos romanos? Até onde não executa ele diferenças sensíveis dos hábitos prosódicos de povos modernos bem diversificados: italianos, franceses, alemães, hispânicos? Que significa, por exemplo, para ficar num único fato, a oposição aberto x fechado, quanto ao timbre das vogais, que afeta a maioria dos idiomas europeus? Para o falante de português, por exemplo, só existe distinção de timbre opondo as vogais médias (é/ê, ó/ô,); quanto às demais, não há que se falar em *a*, *i* e *u* abertos ou fechados. Com relação ao francês, aprende-se teoricamente, isto é, na escola, que a terceira pessoa do singular do indicativo presente do verbo *être* é aberta (*est*). No entanto, ela soa fechada em expressões como “ça y est”, pronunciado, pelo menos em certas regiões, /sa i ê/. Já no caso do espanhol, a diferença de timbre simplesmente não produz qualquer oposição de valor entre as vogais, o que vale dizer que, nessa língua, formalmente ela não existe. Contudo, os latinistas modernos, falantes das diversas línguas atuais, em geral não demonstram maiores constrangimentos na leitura em voz alta dos versos dos antigos romanos. Diante das vogais latinas, quer sejam longas ou breves, não parecem hesitar. É certo que para o latim existe a adoção da braquia e do macro como sinais gráficos, indicadores das quantidades silábicas. Mas, é de se perguntar, o que efetivamente indica o valor prosódico dessas mesmas sílabas no verso, de sorte que se sinta que duas breves são o exato equivalente quantitativo de uma longa, a ponto de poderem substituí-la perfeitamente, em exata proporcionalidade, na seqüência métrica, ocupando-lhe assim o lugar, sem que a mínima alteração seja percebida pelo ouvido, como seria exigência do texto metrificado? Exigência ainda da poética latina é que a cadência do verso não esteja apoiada no acentoônico das sílabas pelas quais é constituída sua unidade métrica, como em português, por exemplo. Ela deve apoiar-se na quantidade, insiste-se, ou duração dessas sílabas, e não na acentuação, tônica para a ársis (o tempo forte do pé métrico) e átona, ou átonas, para a tésis (o tempo fraco), como por convenção pretende a tradição mais erudita, o que, quando adotado, dá, com efeito, numa leitura aos arrancos, muito esdrúxula e pouco expressiva, dos textos latinos.

Se a ausência da língua materna é irreparável em relação a traços fonéticos e fonológicos que se mantêm, ainda que tendo sofrido mudanças,

imagine-se quanto não será irremediável essa falta com relação àqueles traços cujo desaparecimento é completo e sem compensação nos idiomas resultantes! A métrica latina, cujos traços se fazem ver na comparação de verso para verso dessa língua antiga, é o testemunho mais evidente dessa verdade. Ainda que a contagem dos tempos em cada verso resulte numa equação equivalente mediante a observação daqueles dados escolares ou eruditos, de que já se falou, tal equivalência jamais se faz sentir mediante a fruição cadenciada dos elementos rítmicos que compõem a frase poética, como seria desejável. Teoricamente, admite-se então que uma longa seja substituída, em qualquer pé, por duas breves e vice-versa, sem alteração métrica do verso. Na prática, um moderno, para quem o latim é uma língua estrangeira, teria dificuldade em admitir a equação. A título de exemplo, observe-se esta breve passagem de Virgílio (1956), destacada da *Eneida* (I, 174-176):

Ac primum silici scintillam excudit Aechates
 succipitque ignem foliis atque arida circum
 nutrimenta dedit rapuitque in fomite flammam.

[Antes de tudo, Aechates extraiu
 da pedra uma faísca, alimentou-a
 com folhas secas sustentando o fogo
 e em gravetos a chama capturou.]

A fim de se determinar a quantidade de cada sílaba nos versos, pode-se proceder à escansão dos hexâmetros, como segue:

Āc pri | mūm sīlī | cī scīn | tīll(am) ēx | cūdīt Ā | chātēs
 sūccē | pītqu(e) īg | nēm fōlī | īs āt | qu(e) ārīdā | cīrcūm
 nūtri | mēntā dē | dīt rāpū | itqu(e) īn | fōmītē | flāmmām.

Note-se que o arranjo de sílabas longas e breves varia na constituição dos pés métricos em cada verso, de acordo com o seguinte esquema:

1 -- | 2 - ∪ | 3 -- | 4 -- | 5 - ∪ | 6 --
 1 -- | 2 -- | 3 - ∪ | 4 -- | 5 - ∪ | 6 - ∪
 1 -- | 2 - ∪ | 3 - ∪ | 4 -- | 5 - ∪ | 6 - ∪

Não obstante a permuta possível entre uma longa e duas breves, a equivalência formal do hexâmetro está sempre resguardada, e um falante cuja língua materna era o latim não teria problemas para reconhecer esses versos como iguais por natureza ao ouvi-los apenas. Já, quanto a nós, o

máximo que podemos fazer é confirmar metalingüisticamente essa equivalência, a partir da observação de dados filológicos.

Há, a propósito da língua materna e do seu alcance, uma passagem que não pode deixar de ser aqui lembrada conquanto um tanto longa:

se eu de fato fiz algo conscientemente pela civilização européia, certamente nada mais foi do que o propósito deliberado, adquirido desde minha fuga da Alemanha, de não trocar minha língua materna por qualquer outra que me oferecessem ou me forçassem a usar. Acreditava que, para a maioria das pessoas que não contam com um talento especial para línguas, o único termo de comparação confiável para qualquer outra língua que mais tarde se venha a aprender é a língua materna, e isso pela simples razão de que, nesta, as palavras usadas na fala comum recebem seu peso específico, que orienta o uso e nos salva dos clichês inadvertidos, por meio das inúmeras associações que, de forma automática e singular, surgem do tesouro de grande poesia com o qual essa língua específica, e nenhuma outra, foi agraciada. (ARENDDT, 1993, p. 171)

À propósito dessa citação de Hannah Arendt, cabem algumas observações no que tange a nós brasileiros, porque não fica muito claro se, tratando-se de língua materna, suas considerações são universalmente válidas. Percebe-se, com efeito, em jovens compatriotas recém-saídos da escola média maior entusiasmo por línguas estrangeiras do que pela materna. Mas há o caso talvez não tão particular daqueles que, embora oriundos de famílias de poucas letras, afora algum embaraço quanto ao léxico, nunca sentem tanta dificuldade em apreciar os bons textos da poesia nacional que a escola lhes apresenta, porque, quanto à morfossintaxe, estão sempre bastante à vontade para apreciá-los e incorporá-los, depois, ao repositório de conhecimentos iniciado no seio da família e continuado, a seguir, no ambiente social. Por isso mesmo, convém sempre reconhecer o papel indistarcável exercido como moeda de troca pelos serviços da língua materna no seio de qualquer outra – por exemplo, o latim – com a qual cabe de sorte entrar em contato (isso no caso de indivíduos terem descoberto seu papel de sujeitos, não o de serem apenas números no seio da sociedade em que vivem).

LIMA, A. D.; THAMOS, M. Verses are to sing: what now, Virgil? *Alfa*, São Paulo, v.49, n.2, p.125-132, 2005.

>ABSTRACT: *Although the Latin grammar books may give the impression they deal with a subject that is easy for us, modern people, to master, the fact is that all we know about Latin is entirely based on theoretical, rather than empirical data. This means that our knowledge of this ancient language has more gaps than we would like to admit. This is the case of the opposition between long and short vowels. Trying to consider the ancient Romans' language as a real language, that is, the*

mother tongue of a whole people, would be a good way to develop the study of Latin, since those theoretical data can be understood as a sign of humanity rather than a reference of sheer erudition.

>KEYWORDS: *Synchrony; mother tongue; prosody; Latin poetry; Latin metrics.*

Referências bibliográficas

ARENDE, H. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Trad. Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [19--].

VIRGILE. *Éneide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. 8. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

Bibliografia consultada

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. (fac-similar). Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Garnier, 2000.